

A PRESENÇA DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE NAS PRODUÇÕES EM CURRÍCULO (2006-2016)

ZANARDI, Teodoro Adriano Costa *

RIBEIRO, Márden Pádua **

RESUMO

A partir da questão da temática do conhecimento, buscamos nesta pesquisa apresentar como se mantém vivo o legado de Paulo Freire no campo do currículo. Neste trabalho, fez-se um levantamento da produção de artigos científicos sobre o currículo, no período de 2006-2016, delimitados entre cinco periódicos nacionais, tendo como critério temático o foco em pesquisas associadas à educação básica. Num total de 226 produções, foram criadas categorias temáticas que agruparam os trabalhos. Desse agrupamento, a categoria referente ao conhecimento apresentou uma centralidade da influência freireana. Assim, o presente artigo, calcado em pesquisa bibliográfica interpretativa, tem por objetivo analisar as produções curriculares de linhagem freireana nesses artigos compilados e fornecer reflexões ao campo curricular acerca do potencial dessa teoria para essa área do conhecimento. Para tal, a pesquisa fornece, ainda, um resgate histórico acerca das tendências curriculares críticas no Brasil, ressaltando sua heterogeneidade e um breve apanhado quantitativo dos dados, possibilitando ao leitor uma visão geral da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Paulo Freire. Conhecimento.

* Professor do Programa de Pós-graduação em Educação e da Faculdade Mineira de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutor em Educação pela Universität zu Köln. E-mail: zanardi@pucminas.br

** Mestre em Educação Doutorando em Educação – PUCMG. Professor do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte. Coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa de Formação Docente (GEPFOR). Supervisor de Ensino da FAMINASBH. E-mail: mardendepadua@yahoo.com.br

THE PRESENCE OF PAULO FREIRE'S PEDAGOGY IN CURRICULUM PRODUCTIONS (2006-2016)

ZANARDI, Teodoro Adriano Costa*

RIBEIRO, Márden Pádua**

ABSTRACT

Based on the issue of knowledge, we seek to present in this research how the legacy of Paulo Freire in the field of curriculum is kept alive. In this work the survey of the production of scientific articles about the curriculum in the period 2006-2016, delimited between five national journals, is presented, with thematic criterion being the focus on research associated with basic education. In a total of 226 productions, thematic categories were created that grouped the works. From this grouping, the category referring to knowledge presented a centrality of the Freirean influence. This article, based on an interpretative bibliographical research, aims to analyze the curricular productions of Freirean lineage in these compiled articles and provide reflections to the curricular field about the potential of the Freirean theory for the same. To do so, the research also provides a historical rescue of critical curricular trends in Brazil, highlighting its heterogeneity and a brief quantitative survey of the data, allowing the reader an overview of the research.

KEYWORDS: Curriculum. Paulo Freire. Knowledge.

* Professor of the Post-Graduate Program in Education and the Faculty of Law of the Pontifical Catholic University of Minas Gerais. PhD in Education by the Post-Graduate Program in Education (Curriculum) of the Pontifical Catholic University of São Paulo. Post-Doctor in Education from the Universität zu Köln. E-mail: zanardi@pucminas.br

** Master in Education Doctorate in Education - PUCMG. Professor of the Pedagogy course at the Faculty of Applied Social Sciences of Belo Horizonte. Coordinator of the Teaching Training Study and Research Group (GEPFOR). Supervisor of Teaching at FAMINASBH. E-mail: mardendepadua@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O campo do currículo é um campo de disputas acerca do que se ensinar nas escolas. Toca o coração da escola ao tratar de projetos, ideologias e utopias que nos levam a refletir a respeito do que queremos ser e do que somos. O olhar sobre o currículo e o papel da escola desvela as compreensões de mundo e, por isso, suas teorias compõem uma polifonia de teorias que se encontram e se distanciam.

Assim, a busca pela divulgação das correntes teóricas, por meio de artigos científicos, constitui-se em um instrumento poderosíssimo para a expansão e a ampliação das teorias que disputam a hegemonia no campo. E, nesse contexto, buscamos, neste artigo, mapear a produção curricular brasileira, no período de 2006-2016, em cinco periódicos: *Currículo sem Fronteiras*, *e-Curriculum*, *Teias*, *Espaço do Currículo* e *Educação e Realidade*. Para execução deste trabalho, fizemos um recorte específico acerca da importância da obra freireana como uma forte influência nas produções científicas que se debruçam sobre a temática curricular.

Nas disputas pelas concepções curriculares que se colocam como orientadoras das pesquisas apresentadas nas referidas revistas, encontramos o legado de Paulo Freire como uma contribuição valiosa nesse campo tão polissêmico para o debate do *que-fazer* na educação escolar.

2 METODOLOGIA

Utilizamos, como critério para o mapeamento, o acolhimento somente dos artigos cuja temática se vinculava à educação básica. Não analisamos trabalhos de autoria estrangeira, nem resenhas e entrevistas. A partir desse recorte, foram criadas sete categorias temáticas que serviram como baliza para a sistematização das produções:

- 1) Teoria curricular;
- 2) Materialização das disciplinas escolares da educação básica na sala de aula;
- 3) Ênfase nos conhecimentos;
- 4) Organização curricular na educação básica;
- 5) Prática/Cotidiano curricular;
- 6) Políticas de currículo;

7) Estudos da diferença/identidade.

A partir da seleção e leitura integral dos artigos, foi possível sistematizar as categorias elencadas a partir da perspectiva da pesquisa bibliográfica interpretativa (GIL, 2002) e da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), no sentido de possibilitar a extração de significados dos textos. De acordo com Chizzotti (2008, p. 113), a análise de conteúdo "visa decompor as unidades léxicas ou temáticas de um texto, codificadas sobre algumas categorias, compostas por indicadores que permitam uma enumeração das unidades, e a partir disso, estabelecer inferências generalizadoras".

Nosso objetivo, no presente artigo, é enfatizar uma categoria específica: *Ênfase nos conhecimentos*. O motivo da escolha desta categoria se explica pelo fato de que nela a presença de Paulo Freire foi significativamente superior às outras.

Sendo assim, o objetivo central do estudo aqui apresentado é identificar os artigos que tiveram a temática freireana como elemento central, analisando o modo como essas produções operaram com a temática do conhecimento, dentro do recorte temporal estabelecido (2006-2016). Para tal, abordaremos um breve apanhado da influência freireana no desenvolvimento das concepções críticas curriculares e faremos um panorama quantitativo das produções no geral.

A categoria da *Ênfase nos conhecimentos* envolveu trabalhos que versavam sobre componentes curriculares, incluindo ensino das diferentes áreas, processos de transformação dos saberes para fins de ensino, conhecimentos e saberes produzidos no cotidiano escolar, contextualização e recontextualização dos conhecimentos escolares. Foram descartadas as pesquisas centradas apenas em metodologias de ensino.

Ainda sob a perspectiva da pesquisa bibliográfica adotada, tivemos alguns desafios no caminho teórico-metodológico, como para filtrar os artigos e realizar suas análises para sistematizá-los nas categorias temáticas. Como escolhemos cinco periódicos e utilizamos como recorte temporal o período de 2006-2016, optamos por não pesquisar os artigos a partir de descritores específicos. Ao contrário, adotamos um processo de identificação de todos os artigos dos respectivos periódicos através de etapas específicas, descritas a seguir:

- A) Leitura do título e resumo do artigo, para decidir se seria ou não descartado. Quando a dúvida ainda permanecia, era feita a leitura da introdução e da conclusão.

- B) Após acolhimento do artigo, considerando os recortes e critérios propostos, foi realizada a leitura integral das produções.
- C) À medida que as leituras integrais foram feitas, procuramos alimentar uma base de dados, primeiramente de ordem quantitativa, contendo os seguintes elementos: distribuição regional das produções e dos autores, incidência das produções por ano e por periódico, compilação do número de artigos aproveitados da listagem referente aos 17 curriculistas dominantes do campo e a listagem dos referenciais bibliográficos utilizados em cada artigo compilado.
- D) No que tange à listagem dos referenciais bibliográficos, foram estabelecidos os seguintes critérios: foram listados apenas os referenciais que respaldaram as discussões relativas ao currículo. Ainda assim, não somente obras de curriculistas foram acolhidas, na medida em que os autores dos artigos também se ancoravam em autores que não são propriamente do campo do currículo, apropriando-se de suas ideias para as discussões específicas de currículo que faziam. Podemos citar como exemplo: Boaventura de Souza Santos, Stephen Ball, Gilles Deleuze, Ernesto Laclau, entre outros. Percebeu-se que alguns autores de artigos citavam, em alguns momentos, uma única vez alguma referência para embasar suas discussões curriculares. Ainda assim tal referência foi listada. Autores que citavam a si mesmos também foram acolhidos em nossa análise, desde que utilizados para respaldar as discussões curriculares.
- E) Após compilação dos referenciais bibliográficos utilizados nos artigos selecionados, elaboramos gráficos que buscaram uma identificação de ordem quantitativa da produção referente ao recorte temporal de 2006-2016.
- F) Passada a etapa de caráter quantitativo, iniciamos o processo de análise qualitativa dos 226 artigos compilados. Ao procedermos a leitura integral da totalidade desses textos, sistematizamos os artigos em um banco de dados a partir das *categorias temáticas* criadas. Para tal, procuramos identificar os *conceitos-chave curriculares*, *conceitos secundários* e *teórico(s) principal(is)*.
- G) Identificar os conceitos-chave, secundários e teóricos principais permitiu associar cada artigo às *categorias temáticas* que se inserem no recorte amplo da educação básica. Em outras palavras, por meio da identificação de determinados conceitos-chave e

secundários, conseguimos interpretar que determinado artigo, por exemplo, associava-se à *categoria temática* dos estudos da prática curricular, ao invés da *categoria temática* dos estudos em política de currículo.

H) Embora tenha sido feita a leitura integral de cada um dos 226 artigos compilados, não se pretende aqui uma análise de um por um desses trabalhos, como se fosse um relatório descritivo-analítico. Nossa intenção foi justamente buscar interpretá-los de modo a sistematizá-los em *categorias temáticas*. Desse modo, podemos analisar cada bloco das *categorias*, enfatizando, nas produções que a compõem, suas singularidades, suas repetições e, especialmente, no caso do presente artigo, o modo como operam com a temática freireana a partir da categoria *Ênfase nos conhecimentos*.

É relevante trazer esses dados na medida em que a pesquisa sistematiza e corrobora o lugar de Paulo Freire nos estudos curriculares nos principais periódicos do campo. Ressalta, também, a importância de Freire para os estudos em currículo.

3 PAULO FREIRE: O EMBRIÃO DA TEORIA CURRICULAR CRÍTICA BRASILEIRA

Moreira (1990; 1998) enxerga duas grandes linhas da teoria crítica curricular brasileira: a primeira, dominante até década de 1980, representa uma fidelidade às abordagens estruturais e aos referenciais teóricos que balizaram seus primórdios – o Neomarxismo e a Teoria Crítica frankfurtiana. A segunda, mais visível nos anos 1990, incorpora contribuições de estudos feministas, estudos de raça, estudos culturais, especialmente pelo viés do pensamento pós-moderno e pós-estrutural.

É importante, com base nos estudos de Moreira (1990, 1998), entender como a teoria curricular crítica se desenvolveu no Brasil, em meio a heterogeneidades e hibridismos, ressaltando suas influências e tradições. O campo curricular brasileiro remonta à década de 1920, a partir dos Pioneiros da Educação Nova. No entanto, focaremos, especialmente a partir da década de 1960, período em que Moreira (1990, 1998) defende haver uma maturidade no campo curricular brasileiro, sobretudo após a ascensão da disciplina de Currículo e Programas em algumas instituições de ensino superior. Nesse sentido, embora o campo já se encontrasse ativo, combinando tendências escolanovistas e tecnicistas, esse curriculista informa que, a partir da metade da década de sessenta, a influência de Paulo Freire no discurso curricular

passa a ser fortemente percebida. Eis um momento embrionário do que viria a se tornar a concepção crítica curricular no Brasil:

Nesse momento, verifica-se uma primeira influência de Paulo Freire no pensamento curricular. Sua preocupação é com uma educação que conscientize os oprimidos, capacitando-os a refletir criticamente sobre seu destino, suas responsabilidades e seu papel no processo de vencer o atraso do país, a miséria e as injustiças sociais. Para isso, novos currículos se fazem necessários, já que o currículo tradicional, abstrato, teórico e desligado da vida real, não pode jamais desenvolver a consciência crítica do educando (MOREIRA, 1990, p. 82).

Para Moreira (1990), é com a teoria de Paulo Freire que ocorre no Brasil a emergência de um enfoque crítico acerca das questões ligadas ao conhecimento e, também, ao currículo. Tal constatação é também realizada por Oliveira e Sussekind (2007, p. 4), que consideram Paulo Freire “o primeiro grande autor brasileiro que pode ser relacionado às teorias educacionais críticas, antes mesmo que seus pares europeus e estadunidenses produzissem suas obras e fizessem sucesso por aqui”.

Do ponto de vista histórico, a década de sessenta constitui um marco no tocante a movimentos de contestação inseridos em um contexto com grandes transformações ocorridas devido à eclosão de movimentos reivindicatórios em todas as partes do mundo. No contexto social, cultural e político, houve lutas pela independência das antigas colônias europeias; nos Estados Unidos, protestos contra a guerra do Vietnã, conflitos raciais, movimentos feministas e estudantis, os movimentos de contracultura e, no Brasil, lutas contra a ditadura militar. Tomaz Tadeu (2009) aponta que não é obra do acaso, portanto, que justamente nesse contexto tenham surgido teorizações que criticavam profundamente o pensamento e a estrutura educacionais tradicionais.

É a partir desse período que a concepção de um currículo técnico, pretensamente neutro e calcado na ideia de eficiência e eficácia, é criticada. As questões deslocam-se do “como ensinar” para o “por que ensinar”, e as críticas sociais ao sistema de ensino, aliadas aos estudos dos sociólogos da educação, provocam uma inversão na leitura da problemática da escola e, em consequência, influenciam a constituição das teorias críticas de currículo. Em diferentes espaços geográficos, cientistas sociais elaboram novas categorias de análise para a educação e para o currículo, visando romper com a rígida concepção tecnicista de ensino.

=====

Tomaz Tadeu Silva (2009, p. 30) sintetiza, de um modo geral, a concepção crítica curricular da seguinte forma:

As teorias críticas sobre o currículo começam por colocar em questão precisamente os pressupostos dos presentes arranjos sociais e educacionais. As teorias críticas desconfiam do *status quo*, responsabilizando-o pelas desigualdades e injustiças sociais. As teorias críticas são teorias de desconfiança, questionamento e transformação radical. Para as teorias críticas o importante não é desenvolver técnicas de como fazer o currículo, mas desenvolver conceitos que nos permitam compreender o que o currículo faz.

Se na segunda metade da década de 1970, o tecnicismo ainda era hegemônico no discurso sobre currículo no Brasil (MOREIRA, 1990), com suas atenções voltadas para procedimentos de instrução individualizados, programados e para a ênfase na classificação de objetivos educacionais, ao final da década essa hegemonia passa a ser questionada em meio à própria conjuntura vivida internacionalmente: crise econômica agravada pela crise petrolífera, tornando, cada vez mais insustentável o próprio regime militar brasileiro. Eram tempos em que o regime militar diminuía seu vigor autoritário e abria um pouco mais de espaço para concepções distintas. Mesmo em meio a uma hegemonia tecnicista, os discursos sobre currículo conviviam com nuances progressistas, como acentua Moreira (1990).

No entanto, tais problematizações, de caráter mais crítico, demoram a se consolidar no Brasil, como explica Moreira (1990). A partir da década de 1970 e, especialmente, na década seguinte, importantes autores marcam a nova teorização crítica educacional e, mais especificamente, as concepções críticas sobre o currículo. Os trabalhos de Paulo Freire, com a obra *Pedagogia do Oprimido*, e os diversos trabalhos de Antônio Flávio Barbosa Moreira e de Tomaz Tadeu Silva, somados às contribuições de Michael Apple, Henry Giroux e Michael Young, ajudam a compreender a escola e o currículo, permeados por conexões entre poder, hegemonia, conflitos de classe, emancipação, resistência, controle social, todas essas categorias conceituais fundamentais na gênese de uma concepção crítica de currículo.

É nesse cenário que, já no início da década de 1980, com o processo de redemocratização em curso, com o país imerso em uma crise econômica ainda mais grave, que passa a ganhar força, nas palavras de Moreira (1990, p. 175), “*uma literatura pedagógica*

crítica”. As análises de currículo passam a tomar outros interesses, o campo se amplia e passa a receber outras influências. A tendência curricular crítica é assim descrita:

Se observarmos as bibliografias de artigos e livros dos principais autores da pedagogia crítico-social dos conteúdos, Dermeval Saviani, Carlos Roberto Cury, José Carlos Libâneo, Guiomar Namó de Mello, publicados no período em estudo, observaremos que, além de autores brasileiros contemporâneos críticos, os nomes mais frequentemente citados são os de Antônio Gramsci, Mario Manacorda, Karl Marx, Adam Schaff, George Snyders, Bogdan Suchodolski e Adolfo Vaszquez. A ausência de autores americanos é clara, o que nos leva a supor uma intenção de neutralizar a forte influência anterior de ideias e teorias educacionais americanas (MOREIRA, 1990, p. 165).

No contexto brasileiro, Dermeval Saviani e Paulo Freire, como indicavam Moreira (1990) e Paraíso (1994), encabeçavam o principal embate nos anos 1980 – que não se limitava somente ao currículo, mas a ele se relacionava diretamente: a questão do conhecimento escolar. Essa discussão, somada às contribuições dos teóricos estrangeiros de currículo, alçou o conhecimento ao patamar de temática fundamental para o campoⁱ. Assim, pode-se perceber, com base nas leituras de Moreira (1990, 1998), Paraíso (1994) e Tomaz Tadeu (1990), que, na década de 1980, Dermeval Saviani e Paulo Freire representavam o principal embate diretamente associado ao currículo, no que tange às suas distintas compreensões acerca da temática do conhecimento. Defendemos que Paulo Freire logrou ao campo curricular alguns pesquisadores que prosseguiram em seus rastros teóricos, flertando mais ativamente com o campo curricular. Desses, destacam-se Ana Maria Saul, Antônio Gouveia Silva e Maria Eliete Santiago.

Podem ser destacados, nessas premissas, os trabalhos de Saul (2012, 2014), Saul, Saul e Shor (2016), Saul e Giovedi (2015), Saul e Silva (2014, 2012, 2011, 2010, 2009), Santiago (2006, 2007), Santiago e Menezes (2010, 2014), Santiago e Batista-Neto (2012), Santiago e Souza-Júnior (2011). A parceria mais profícua entre Ana Maria Saul e Antônio Gouveia Silva justifica o fato de ambos serem identificados, por nós, como teóricos que são responsáveis por dar prosseguimento à teoria freireana, colaborando para construir a vertente crítica curricular de linhagem freireana que segue produtiva no campo.

Desse modo, os conceitos-chave freireanos (emancipação, diálogo, *ser mais*, conscientização, contexto, palavra) são associados, por esses autores, às discussões calcadas

=====

em uma proposta de construção curricular via conhecimento dialógico, construído a partir da leitura de mundo e da realidade das camadas populares. Também são comuns os trabalhos que buscam estudar práticas curriculares em escolas e/ou municípios que se embasam na teoria freireana na construção de seus currículos.

Todos esses trabalhos são coerentes com a lógica freireana, no tocante ao compromisso que os autores assumem com a emancipação dos oprimidos por meio de uma construção curricular que dialogue com eles e não para eles. É notória também a preocupação em repensar a obra freireana, valorizando o diálogo com diversos aportes sociológicos, antropológicos, filosóficos, tal qual Paulo Freire sempre se mostrou aberto em sua trajetória.

4 A PRESENÇA FREIREANA NAS PRODUÇÕES EM CURRÍCULO (2006-2016)

O mapeamento buscou as publicações realizadas entre 2006 e 2016, em meio aos critérios já mencionados. Foi compilado um total de 226 produções, espalhadas nos cinco referidos periódicos. O Quadro 1 apresenta o número de artigos selecionados por periódico:

Quadro 1 - Periódicos: quantidade de artigos

PERIÓDICOS	QUANTIDADE DE ARTIGOS SELECIONADOS
<i>Currículo sem Fronteiras</i>	76
<i>Espaço do Currículo</i>	68
<i>e-Curriculum</i>	42
<i>Teias</i>	29
<i>Educação e Realidade</i>	11
Total de artigos compilados	226

Fonte: dados desta pesquisa (2018).

Foi possível perceber uma preponderância considerável dos periódicos *Currículo sem Fronteiras* e *Espaço do Currículo* perante os demais. O dado não surpreende na medida em que são revistas mais voltadas para a teoria curricular propriamente dita; o mesmo ocorre com o periódico *e-Curriculum*. Os dois últimos periódicos (*Teias* e *Educação e Realidade*) são mais diversificados em relação às suas temáticas.

A segunda metade da década pesquisada trouxe um aumento significativo das produções, sendo que a principal explicação para esse aumento decorre do incremento das edições dos periódicos a partir da segunda metade da referida década. Todos os cinco

periódicos, a partir de 2010, ampliaram suas edições, o que obviamente acaba por contribuir para o aumento das produções e expandir a possibilidade de coleta dos artigos compilados.

Nas 226 produções analisadas, buscamos identificar também a distribuição regional dos autores, isto é, compilar o vínculo profissional deles para, a partir dessa informação, identificar de que regiões brasileiras são oriundos. A distribuição regional evidencia a concentração significativa de produções cujos autores são vinculados a instituições localizadas nas regiões Sudeste-Sul.

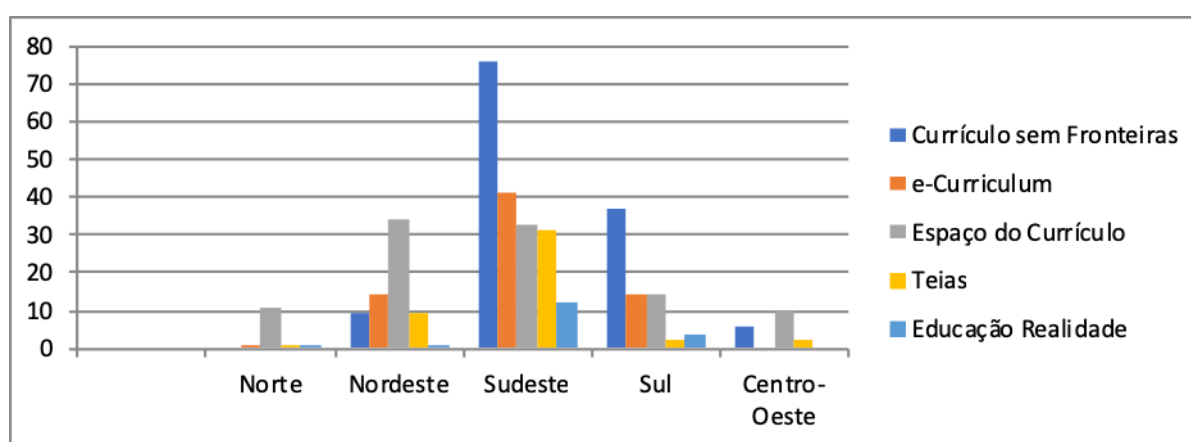


Gráfico 1: Distribuição regional dos autores por periódico
Fonte: dados da pesquisa, (2018).

De acordo com o Portal da Capesⁱⁱ, a partir do Censo de 2016, é justamente na região Sudeste-Sul que se encontra a maior concentração de Programas de Pós-Graduação no Brasil, seja no âmbito geral, seja com o filtro das Ciências Humanas. A região Nordeste vem logo depois, seguida da região Centro-Oeste e, por último, a região Norte. Nesse sentido, há uma vinculação intrínseca da distribuição regional dos Programas de Pós-Graduação brasileiros com a distribuição regional dos autores dos artigos compiladosⁱⁱⁱ. Em outras palavras, se um periódico se situa em determinada região, a maioria de seus artigos possuem autores oriundos das mesmas regiões às quais o periódico é vinculado.

Importante para compreender a contribuição de Paulo Freire é a compilação dos referenciais bibliográficos das produções selecionadas nos cinco periódicos:

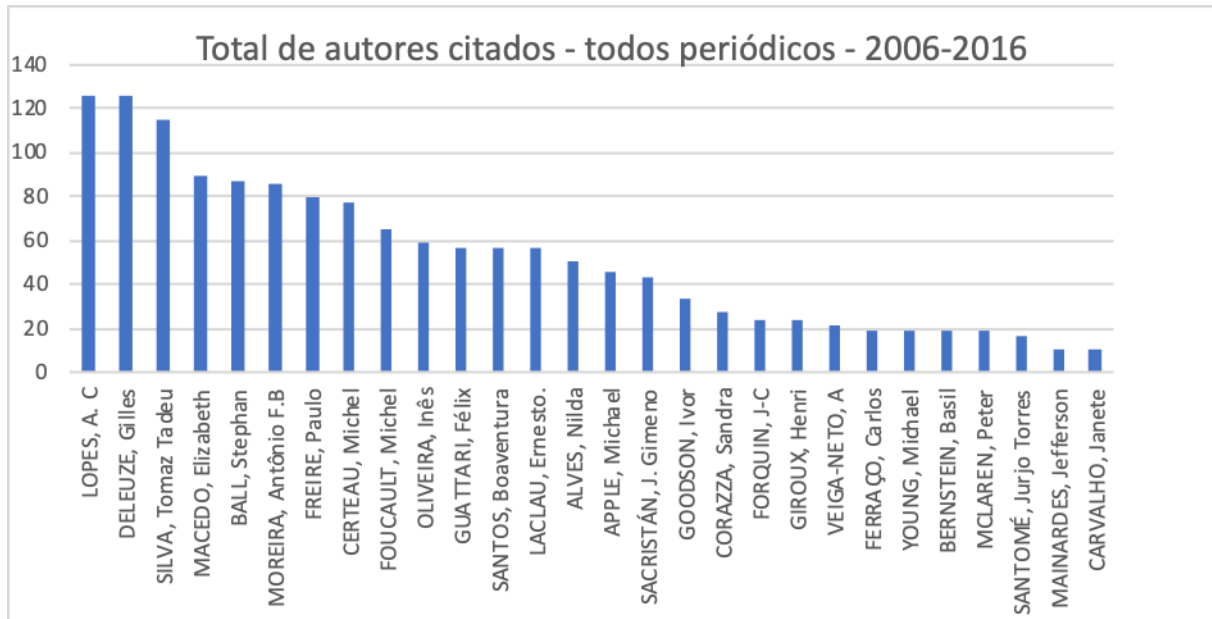


Gráfico 2: Referenciais bibliográficos dos cinco periódicos compilados (2006-2016)^{iv}
 Fonte: dados desta pesquisa (2018).

Os dez primeiros autores elencados como referenciais bibliográficos mais utilizados nos artigos mostram uma diversidade de abordagens e algumas curiosas conclusões: dos dez primeiros, existem quatro estrangeiros (Gilles Deleuze, Stephen Ball, Michel de Certeau e Michel Foucault) que não são propriamente do campo curricular. Mas, os seis brasileiros que completam a listagem dos dez iniciais, exceção à Paulo Freire, são todos curriculistas. Compreendendo que Freire não é propriamente um curriculista, apesar de ele ser considerado o precursor dos estudos em currículo no Brasil numa linhagem crítica (MOREIRA, 1990, 1998).

Paulo Freire é o sétimo colocado no tocante aos referenciais bibliográficos e grande parte desta alta incidência deve-se ao periódico *e-Curriculum*. Este periódico é tão decisivo na alta incidência de Paulo Freire que, nas demais revistas, no total das produções, Gilles Deleuze e Alice C. Lopes se alternavam como as referências mais citadas. Porém, na *e-Curriculum*, Paulo Freire foi o teórico de maior incidência, seguido por Inês Barbosa de Oliveira, Michel Foucault e, somente na quarta colocação, Alice C. Lopes. Já Gilles Deleuze teve inexpressiva incidência neste periódico^v.

Foi possível constatar o absoluto predomínio de três obras freireanas no tocante às produções compiladas: respectivamente, *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia da Esperança*. Esses três livros se distanciam em relação aos demais lembrados.

Ao longo do total de artigos compilados, quase toda a obra freireana foi citada ao menos uma única vez. Percebemos, também, o uso, muitas vezes superficial, da obra de Paulo Freire, como se ela fosse uma espécie de “enfeite”, um “adorno” ao texto. Sem a utilização da teoria freireana como referencial teórico, alguns trabalhos o citavam uma única vez, em meio a conceitos soltos, especialmente a categoria do *Diálogo*. E, não raramente, essas mesmas produções citavam pelo menos as três grandes obras destacadas no início do parágrafo.

Encontramos uma sistematização do seu legado na pesquisa feita por Saul e Silva (2016), especificamente no que toca às políticas de currículo e às produções acadêmicas nos últimos anos. A pesquisa desses autores também constatou a predominância das três referidas obras como centrais a outros campos de estudo, distintos do currículo, bem como a ênfase do conceito de *Diálogo* como categoria mais trabalhada nos textos.

Certamente, *Pedagogia do Oprimido* é a grande obra da carreira de Paulo Freire, o que explica sua alta incidência nas produções em currículo. Já *Pedagogia da Autonomia*, por se tratar do último e, portanto, mais recente livro do autor, de linguagem acessível e de temáticas que perpassam todo o contexto educacional, acabou sendo a segunda obra mais citada, tal qual ocorreu na pesquisa de Saul e Silva (2016). A terceira colocação de *Pedagogia da Esperança* permite inferir que isso se resulta pelo fato de a obra decorrer justamente de uma revisão da *Pedagogia do Oprimido*, como observa Freire (1992).

5 O PROTAGONISMO FREIREANO NOS ARTIGOS NA CATEGORIA TEMÁTICA ÊNFASE NOS CONHECIMENTOS

A categoria temática da *Ênfase nos conhecimentos*, conforme já dito, abarcou estudos que analisaram esse processo. Descartando estudos centrados somente em metodologias de ensino, procuramos acolher os artigos cuja *predominância temática* se associou à discussão referente ao conhecimento, seja do ponto de vista estritamente teórico, ou contendo pesquisa de campo.

Várias produções, que foram sistematizadas em outras categorias temáticas, ao focalizarem seus respectivos componentes curriculares, flertavam a todo momento com a temática do conhecimento. Por meio da noção de *predominância temática*, pudemos compreender as produções identificando o enredo principal em meio aos subenredos

existentes nos textos. Nesta categoria, a *predominância temática* foi mais visível em relação às demais, facilitando até mesmo a sistematização de quais artigos entrariam nesta temática e na antecessora.

Esta categoria correspondeu a apenas 23 produções de um total de 226, o que reafirma as preocupações de Moreira (2002, 2003, 2007, 2012) e Moreira e Garcia (2001) no que tange ao gradativo enfraquecimento da temática do conhecimento no campo curricular brasileiro nos últimos anos. Se recuperarmos as constatações feitas por Paraíso (1994), poderemos perceber que, no início da década de 1990, a autora, ao analisar artigos de currículo, constatou uma predominância por temáticas ligadas ao conhecimento.

Tomando por base o fato de que compilamos as produções no intervalo de uma década (2006-2016), em meio aos principais periódicos do campo, é significativo constatar a pouca incidência de produções voltadas para a discussão acerca do conhecimento. Contudo, vale a pena ressaltar a ponderação de Lopes (2013), ao discutir essa questão do possível desaparecimento do conhecimento. A autora alega que, na verdade, a temática do conhecimento não está desaparecida nem enfraquecida, mas, sim, diluída em outras temáticas preponderantes, especialmente a cultura.

A *categoria temática da Ênfase nos conhecimentos* é, sem dúvida, de toda a pesquisa, a que mais apresenta artigos de vertente explicitamente crítica. Os autores de vertente crítica aumentam consideravelmente sua incidência, especialmente Antônio Flávio Barbosa Moreira, Paulo Freire, Michael Apple e até Michael Young, inexistente nas outras categorias, nesta, possui razoável relevância.

Feitas essas considerações, analisaremos, agora, o bloco de produções de linhagem crítica explicitamente freireana^{vi}. Os artigos analisados foram: Streck (2012), Zanardi (2016), Ghiggi *et al* (2008), Menezes e Santiago (2010). O cenário a seguir diz respeito ao total das compilações estabelecidas na categoria temática Seleção/Exclusão de conhecimentos:

Zanardi (2016), Streck (2012), Ghiggi *et al.* (2008) e Menezes e Santiago (2012) foram as produções de linhagem crítica mais assentadas no referencial freireano como balizador central do modo como os autores operaram com a temática do conhecimento. Zanardi (2016) discutiu mais detidamente a questão do conhecimento na lógica de uma educação integral. Streck (2012) realizou uma discussão histórica acerca de autores que, desde o século XVI, trataram da questão do conhecimento e, ao final, defendeu uma concepção de

viés freireano. Menezes e Santiago (2012) analisaram as ressignificações da concepção freireana de conhecimento na construção de políticas e práticas curriculares emancipatórias. Já Ghiggi *et al.* (2008) analisaram a dimensão do conhecimento em uma escola, enfatizando a participação coletiva.

Foi possível perceber, mesmo com diferentes enredos, que a obra de Paulo Freire sedimentou o modo pelo qual os autores compreenderam o conhecimento, especialmente via diálogo. Esse conceito, central em Paulo Freire, foi também fundamental nas produções analisadas, tendo a obra *Pedagogia do Oprimido* maior relevância. Associado ao conceito de diálogo, as produções enfatizaram o caráter emancipatório da construção dialógica do conhecimento, calcado na ideia de que todo sujeito tem, em si, a vocação de ser mais. Essa perspectiva foi lembrada por Streck (2012, p. 17): “para Paulo Freire o ato de conhecer está ligado com a vocação de homens e mulheres de ser mais”. Para Menezes e Santiago (2012, p. 397), o ato dialógico de conhecer resulta de “uma conscientização, onde os homens e as mulheres compreendem a sua vocação ontológica e histórica de ser mais”.

O diálogo preconizado pelos autores compilados, por vezes, associou-se a uma abordagem metodológica (GHIGGI *et al.*, 2008), em outros casos, relacionou-se a uma dimensão epistemológica e ontológica (ZANARDI, 2016; STRECK, 2012). Para Ghiggi *et al.* (2008, p. 44), “o diálogo institui-se como opção metodológica central para evitar a intolerância e o relativismo (algo como, tudo vale!), tornando-se condição de necessidade da própria distinção humana”.

Ghiggi *et al.* (2008, p. 43), ao discutirem a sistematização dos conhecimentos na lógica escolar, defendem que a obra freireana “produz originalidade em sua proposta acerca de pesquisa-ação, participante, alternativa ou metodologia crítica”, tendo por base a descoberta e construção do universo vocabular e a definição dos temas geradores. Assim, os autores encontram em Paulo Freire o diálogo como suporte político e metodológico, a partir do fato de que se materializa em uma investigação comprometida com a melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas com a escola pesquisada pelo autor: “A experiência do diálogo, com a mediação do conhecimento produzido, é principal à investigação dialógico-crítica” (GHIGGI *et al.*, 2008, p. 45). O diálogo, assim, “é indicador metodológico principal

quando a proposta é a investigação que envolve situações às quais a perspectiva positivista não é suficiente” (GHIGGI *et al.*, 2008, p. 45).

Streck (2012), ao associar o ato de conhecer a uma vocação de homens e mulheres de ser mais, indica que o sujeito é sempre um projeto, um processo aberto e inconcluso: “O ato de conhecer e o conhecimento adquirem o seu sentido dentro do processo de realização desta vocação ontológica do ser humano” (STRECK, 2012, p. 20). Assim, para o autor, conhecer é sempre um ato dialógico e também um ato de amor aos educandos. Streck (2012) destaca o conhecimento como um processo que envolve sujeitos ativos em torno de uma realidade que é também sempre dinâmica, porque é constituída pelas várias leituras que dela se fazem.

Zanardi (2016, p. 89), tendo como foco a educação integral, argumenta que “o conhecimento especializado que a escola leva para a sala de aula menospreza o potencial crítico-transformador do diálogo entre os saberes e, até mesmo, a curiosidade dos sujeitos da escola”. Assim, a construção curricular de orientação freireana, na acepção de Zanardi (2016), colabora para uma educação integral que possibilite o enfrentamento do que o autor compreendeu como uma nova configuração do tempo-território escola. Zanardi (2016, p. 92) conclui: “Ora, o ato de conhecer decorre de um processo social em que o diálogo entre os sujeitos é o seu pressuposto”. O conhecimento, dessa forma, é produzido a partir de uma construção coletiva, sendo que o conhecimento historicamente acumulado deve colocar-se a serviço da transformação social, que se apresenta pelas vivências e experiências dos sujeitos que compõem a comunidade escolar.

Para Zanardi (2016, p. 96), o legado freireano potencializa a territorialização do conhecimento, “que deve se banhar na temporalidade necessária à Educação Integral”. O diálogo e a curiosidade epistemológica, categorias curriculares importantes em Paulo Freire e resgatadas por Zanardi (2016, p. 96), “merecem ser reinventadas na prática docente para que estimule as atividades coletivas, debates e apresentações em sala de aula, e um novo ritmo que auxilie o aprofundamento da postura crítica e curiosa dos educandos diante dos objetos de conhecimento”. O autor fornece uma proposta freireana de concepção de conhecimento no âmbito de uma educação integral:

apropriação de conhecimentos que possibilitem a compreensão e transformação do território em que se vive; (b) compreensão do território escolar como lugar de exercício da cidadania e da democracia tomando o espaço escolar como catalizador do diálogo necessário à transformação da

realidade; e (c) busca de um redimensionamento do tempo escolar em razão de sua ampliação, o que implica em uma nova dinâmica que proporcione aos educadores(as) e educandos(as) os indispensáveis entusiasmo e curiosidade na busca pelo conhecimento (ZANARDI, 2016, p. 96).

As assertivas de Zanardi (2016) e Streck (2012) vão na mesma direção de Menezes e Santiago (2012): na defesa da teoria freireana como fundamentação de uma proposta de construção curricular dialógica e libertadora:

Nessa direção, destaca-se como contribuição de Paulo Freire para o campo do currículo a crítica a educação bancária e a formulação de uma educação libertadora fundamentada na prática dialógica que favorece a construção democrática do conteúdo programático da educação. A partir do estudo é possível perceber que apesar de Paulo Freire não ter proposto uma teoria de currículo, o seu pensamento oferece categorias fundamentais para uma teorização crítica para o campo curricular (MENEZES; SANTIAGO, 2012, p. 399).

Consensualmente, Zanardi (2016), Streck (2012), Ghiggi *et al.* (2008) e Menezes e Santiago (2012) concebem a lógica curricular freireana como sendo garantia de que estudante e professor se tornam os protagonistas do processo, na medida em que juntos dialogam, problematizam e constroem o conhecimento: “Problematizar é exercer uma análise crítica sobre a realidade das relações entre o ser humano e o mundo” (MENEZES; SANTIAGO, 2012, p. 399). Para que isso ocorra, os sujeitos precisam voltar-se, dialogicamente, para a realidade mediatizadora, a fim de transformá-la, e isso só é possível por meio do diálogo que desvela a realidade.

A importância do diálogo para a formação de sujeitos em busca de seus processos de autonomia e conscientização pressupõe a não conformidade à atual realidade social, sendo essa uma condição crucial para que os referidos autores se filiem a uma concepção curricular crítica. Assim, “a palavra não é mero pensamento expresso, é práxis, a ação transformadora no mundo e do mundo” (MENEZES; SANTIAGO, 2012, p. 400). O diálogo é a condição de existir humanamente, onde os homens que se solidarizam, refletem e agem juntos como sujeitos no mundo que querem transformar, humanizar (STRECK, 2012; ZANARDI, 2016).

Nesse sentido, o diálogo como categoria fundante da pedagogia freireana, pode orientar as questões que permeiam a construção do currículo. Menezes e Santiago (2012, p.

=====

400) compreendem “que o pensamento de Paulo Freire oferece alguns conceitos que são fundamentais para uma teorização crítica do currículo, na perspectiva de uma formação sociocultural e política do ser humano”. Zanardi (2016, p. 103) complementa: “Assim, a educação para Freire não é o ato de depositar conhecimentos, mas o momento de partilha, de encontro entre sujeitos no mundo e com o mundo, que, através da palavra, pronunciam sua realidade”. A proposta de Streck (2012, p. 23) ilustra isso com precisão:

Embora se reconheça que não pode haver ensino sem conteúdos, verifica-se um deslocamento da prática educativa em direção à forma produzi-los, à sua finalidade e ao lugar desde onde são produzidos. Em qualquer nível de ensino, desde a educação infantil à pós-graduação, é muito difícil estabelecer um cânone de conhecimentos que todos devem dominar. Isso evidentemente não significa abdicar de conteúdos, mas reconhecer a diversidade de situações em que eles são transmitidos e produzidos. Uma diretriz que evita transformar o ensino num “metodologismo” vazio é tomar a realidade de vida e a prática que a constitui como referência para a ação pedagógica. Não se justifica mais memorizar os nomes dos rios e capitais de estados, mas nem por isso é menos importante conhecer os rios. O que é o Tietê para São Paulo, o Guaíba para Porto Alegre, o Amazonas para Manaus? E cada um dos arroios em sua localidade e bairro? Que práticas sociais, econômicas, culturais e ecológicas estão vinculadas a esses cursos d’água?

Streck (2012) visa resolver uma delicada questão que é central na temática do conhecimento escolar e currículo: a relação dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade e os conhecimentos locais, cotidianos. Em outras palavras, os conteúdos “canônicos” e aqueles cotidianos, de ordem micro, que se relacionam com as culturas locais.

As produções que se orientam na perspectiva crítica freireana, dialeticamente, operam com a denúncia e a possibilidade de anúncio. Logo, a transformação é propositiva por essência. O currículo, voltado a esta concepção, admite a história como possibilidade e não como algo acabado. O currículo pode ser visto como espaço de resistência, problematizando a realidade de modo a interferir nela. Scocuglia (2005, p. 82), ao discutir as relações entre a teoria freireana e o currículo, sintetizou algumas contribuições que se encaixam com precisão no que observamos em nossos dados:

- (a) a transição do senso comum ao conhecimento elaborado; (b) o cotidiano e o “saber da experiência feita” enquanto pilares da construção curricular; (c) a problematização do conhecimento como mediação educador-educando; (d) a construção do currículo e a reeducação do educador; (e) currículo,

conhecimento e consciência crítica; (f) os direitos das camadas populares ao conhecimento e à participação na construção curricular; (g) currículo, gestão e autonomia na escola pública popular (SCOCUGLIA, 2005, p. 82).

As produções de vertente crítica sob orientação freireana, bem como as produções que buscam respaldo, também, nas contribuições de Antônio Flávio Barbosa Moreira, questionam enfaticamente a concepção pretensamente universal do conhecimento. Estes questionamentos estão na gênese da teoria curricular crítica (APPLE, 2006, GIROUX, 1986, 1992, FREIRE, 2013, MOREIRA, 1990) e seguem ativos nas abordagens de Zanardi (2016), Streck (2012), Ghiggi *et al* (2008) e Menezes e Santiago (2012). Estes trabalhos buscam resolver o impasse através da defesa do diálogo destes conhecimentos canônicos com os conhecimentos oriundos da realidade de cada sujeito. A saída pelo diálogo concebe a realidade como ponto de partida, e visa enfatizar a problematização do que é tido como universal, buscando desvelar toda a carga ideológica ali embutida.

Por essa razão, a presença de Paulo Freire é tão importante para estes autores, não só no sentido de operar com o diálogo como conceito-chave de uma concepção de conhecimento que seja mediado pelo mundo, tendo a realidade como ponto de partida, mas como um referencial que não nega os conhecimentos tidos como universais, entretanto, busca problematizá-los, desvelando neles toda a ideologia dominante presente.

Dessa forma, Zanardi (2016), Streck (2012), Ghiggi *et al* (2008) e Menezes e Santiago (2012) buscam, em Paulo Freire, não só os questionamentos clássicos das teorias curriculares críticas em relação ao conhecimento, mas, fundamentalmente, as propostas e as alternativas para lidar com essa temática no âmbito escolar. Paulo Freire passa a ser, portanto, tanto um teórico central para a desconstrução como para a construção de alternativas, oferecendo saídas que mesclam a defesa de pressupostos críticos (autonomia, conscientização, emancipação, libertação, justiça, ser mais) com questionamentos diretamente relacionados a alguns paradigmas modernos pretensamente universais. Com isso, aproxima-se também de uma valorização fundamental dos micro-contextos, das realidades locais, dos saberes cotidianos produtores de resistências, sem abrir mão, em momento algum, da compreensão de uma totalidade estrutural, mas que não é de toda estruturante, isto é, não é uma amarra, pois a possibilidade de resistência reside, a todo momento, nas construções locais dos sujeitos.

A discussão em torno do conhecimento, como já ressaltaram Paraíso (1994), Silva (1990) e Moreira (1990), é antiga no Brasil e antecede até mesmo a eclosão das teorias curriculares críticas no país. O que se vê, atualmente, nesses artigos compilados, não é propriamente a reedição dessa discussão, e, sim, a escolha pelas abordagens já internalizadas. Essa escolha serve–como baliza para outras discussões sobre as quais esses autores visam debruçar. O que existem são diferentes nuances, e não necessariamente opostos, acerca do modo pelo qual se trabalha com a dimensão do conhecimento.

Claramente, as produções mais próximas de Paulo Freire enfatizam o diálogo como uma categoria central na construção do currículo. Os artigos freireanos visam chegar ao mesmo fim: a emancipação das camadas populares, a justiça social decorrente do acesso aos conhecimentos e o combate às desigualdades.

Em obra escrita com Ira Shor, Paulo Freire revela como que não nega os conhecimentos tidos como universais e o papel da problematização que emerge do diálogo:

O chamado “padrão” é um conceito profundamente ideológico, mas é necessário ensinar a sua utilização enquanto se criticam, também, suas implicações políticas. Agora, a questão é a seguinte: sabendo de tudo isso, terá o professor libertador o direito de não ensinar as formas padronizadas? Terá o direito de dizer: “Sou um revolucionário, portanto, eu não ensino o ‘bom’ inglês?” Não. Do meu ponto de vista, o educador deverá tornar possível o domínio, pelos estudantes, do inglês padrão, mas – e aqui está a grande diferença entre ele e outro professor reacionário – enquanto o professor tradicional ensina as regras do inglês de primeira (risadas), ele acentua a dominação dos estudantes pela ideologia elitista, que está inserida nessas regras. O professor libertador lhes ensina a forma padronizada, para que possam sobreviver, discutindo com eles todos os ingredientes ideológicos dessa ingrata tarefa. Você está vendo? Acho que é dessa forma que os professores podem refletir sobre o medo que eles têm da rejeição dos estudantes e também sobre o medo que têm das formas padronizadas (FREIRE; SHOR, 1986, p. 49).

Paulo Freire deve ser considerado, nesse sentido, um pensador fundamental sob uma perspectiva crítica do currículo por buscar a ampliação da problematização e identificar estruturas opressoras. Ocorre que essa totalidade não impede a *Pedagogia do Oprimido* de trabalhar com os contextos culturais, com as diferenças e com o local, onde residem as possibilidades de resistências e, também, de transformação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista *e-Curriculum*, oriunda da PUC-SP, é a principal responsável pela alta incidência de Paulo Freire no total das produções. Nessa revista, o autor liderou as referências com boa vantagem sobre Alice C. Lopes, ao passo que, nas demais revistas, Paulo Freire não ficou sequer entre os cinco primeiros autores mais citados. Mesmo assim, podemos dizer que Paulo Freire ainda exerce influência no campo curricular, especialmente no tocante à linhagem crítica.

Dessa forma, defendemos, com base nos nossos dados, que a centralidade do conhecimento se esvaziou e certamente essa temática não é, atualmente, predominante no campo, tampouco tem a importância que defendemos que deveria ter. No total das produções, a categoria *Ênfase nos conhecimentos* representou apenas 8% do total das produções.

Contudo, a temática do conhecimento não está abandonada. Segue sendo a temática preferencial dos estudos de linhagem crítica, embora também minoritários, e se encontra viva em alguns artigos pós-críticos de abordagem pós-fundacional, singularmente protagonizados pela curricularista da UFRJ, Carmen Gabriel^{vii}. As produções da *cotidianista* Inês B. Oliveira também dão ao conhecimento um destaque importante, no âmbito dos estudos do cotidiano.

No viés crítico, certamente é Paulo Freire que protagoniza as abordagens que operam com o conhecimento, sob forte influência da obra *Pedagogia do Oprimido* e do conceito de diálogo como gatilho de uma concepção freireana de construção curricular. De forma tangencial, teóricos clássicos do currículo, como Michael Apple, Henry Giroux e Michael Young, também foram lembrados.

A construção freireana do currículo, percebida na interpretação dos autores que acolheram tal perspectiva, parte do pressuposto consensual de que esta deve ser coletiva e envolver todos os protagonistas do processo educativo. As produções, que acolhem a obra freireana, pensam o currículo e a educação para a transformação e, nesse sentido, é necessário o engajamento que, para Freire (1983, p. 19), é “próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas águas os homens verdadeiramente comprometidos ficam molhados e ensopados”.

Defendemos que a teoria freireana transita pela representação e apresentação da própria realidade, sem abdicar da totalidade, mas sem ignorar a diferença, sem deixar de pensar a ideia de classe, mas sem abandonar os fragmentos e as individualidades. Não abdica

=====

da razão, mas não é escravo dela, insistindo também nas dimensões daquilo que é subjetivo. Não acolhe a ideia de emancipação plena, conscientização plena, autonomia plena, justamente porque compreende os processos como um *vir-a-ser* em constante movimento, algo como um *em busca de*. E, nessa perspectiva, não ignora as grandes estruturas. Seria salutar ao campo mais produções que apostassem nas potencialidades de se pensar o currículo sob o viés freireano.

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael. **Ideologia e Currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GHIGGI, Gomercindo; ZANCHET, Beatriz; FOSTER, Mari Margarete dos Santos. (Re)significando a escola como espaço formativo: dos diálogos com a comunidade escolar à sistematização de conhecimentos. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 4, n. 1, dez. 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIROUX, Henry. **Teoria Crítica e Resistência em Educação**: para além das teorias de reprodução. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. Teorias pós-críticas, política e currículo. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 39, 2013.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **Currículos e programas no Brasil**. Campinas: Papyrus, 1990.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A configuração atual dos estudos curriculares: a crise da teoria crítica. In: PARAÍSO, Marlucy. (Org.). **Antônio Flávio Barbosa Moreira: pesquisador em currículo**. Belo Horizonte: Autêntica. p. 95-115, 1998.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa; SÜSSEKIND, Maria Luiza. Das teorias críticas às críticas das teorias: um estudo indiciário sobre a conformação dos debates no campo curricular no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 71 p. 1-18, 2017.
- PARAÍSO, Marlucy. Estudos sobre currículo no Brasil: tendências das publicações na última década. **Educação e Realidade**. v. 19, n. 2, p. 95-115, 1994.
- RIBEIRO, Márden de Pádua. Currículo e conhecimento sob diferentes perspectivas teóricas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 17, n. 3, p. 574-599, set./dez. 2017.
- SAUL, Ana Maria. Pesquisas de currículo no Brasil: o pensamento de Paulo Freire nos sistemas públicos de ensino. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, p. 37-56, 2012.

=====

SAUL, Ana Maria. Políticas e Práticas Educativas Inspiradas no Pensamento de Paulo Freire: pesquisando diferentes contextos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 14, p. 129-142, 2014.

SAUL, Ana Maria; GIOVEDI, Valter Martins. Currículo e movimentos sociais: uma prática na escola inspirada na pedagogia de Paulo Freire. **Revista Teias**, v. 16, n. 43, p. 135-152, 2015.

SAUL, Ana Maria; SILVA, Antônio Fernando Gouvêa. O legado de Paulo Freire para as políticas de currículo e formação de educadores no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 90, p. 223-244, 2009.

SAUL, Ana Maria; SILVA, Antônio Fernando Gouvêa. Políticas de currículo: novos olhares. **Educação** (São Paulo), v. 04, p. 54-61, 2010.

SAUL, Ana Maria; SILVA, Antônio Fernando Gouvêa. O pensamento de Paulo Freire no campo de forças das políticas de currículo: a democratização da escola. **Revista e-Curriculum** (PUCSP), v. 07, p. 01-24, 2011.

SAUL, Ana Maria; SILVA, Antônio Gouveia. **Relatório da pesquisa Paulo Freire na atualidade**: legado e reinvenção - análise de sistemas de ensino a partir de 1990. São Paulo: PUC-SP, 2016.

SAUL, Ana Maria; SILVA, Antônio Fernando Gouvêa. O pensamento de Paulo Freire em sistemas públicos de ensino: pesquisando políticas de currículo em um mesmo território, sob diferentes olhares. **Revista Teias** (UERJ. Online), v. 13, p. 9-27, 2012.

SAUL, Ana Maria; SILVA, Antônio Fernando Gouvêa. A matriz de pensamento de Paulo Freire: um crivo de denúncia-anúncio de concepções e práticas curriculares. **Revista e-Curriculum** (PUCSP), v. 12, p. 2064-2080, 2014.

SAUL, Ana Maria; SAUL, Alexandre; SHOR, Ira. O poder que ainda não está no poder: Paulo Freire, pedagogia crítica, e a guerra na educação pública. **Educar em Revista** (Impresso), v. 61, p. 293-308, 2016.

SANTIAGO, Maria Eliete. Formação de professores e currículo. **Revista de educação AEC**, v. 1, p. 01-15, 2006.

SANTIAGO, Maria Eliete. Campo curricular, prática pedagógica e pedagogia freireana. **Revista de Educação AEC**, v. 142, p. 28-40, 2007.

SANTIAGO, Maria Eliete; MENEZES, Marília Gabriela. Um estudo sobre a contribuição de Paulo Freire para a construção crítica do currículo. **Revista Espaço do Currículo** (Online), v. 3, p. 395-402, 2010.

SANTIAGO, Maria Eliete; MENEZES, Marília Gabriela. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Pró-Posições** (UNICAMP. Impresso), v. 25, p. 45-62, 2014.

SANTIAGO, Maria Eliete; BATISTA-NETO, José. Política, proposta e práticas curriculares municipais: campos de tensão entre o esvaziamento político e a resistência cultural. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, p. 125-142, 2012.

SANTIAGO, Maria Eliete; SOUZA-JUNIOR, Márcilio. Currículo e saberes escolares: ambiguidades, dúvidas e conflitos. **Pró-Posições** (UNICAMP. Impresso), v. 22, p. 01-12, 2011.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. Paulo Freire e a conscientização na transição pós-moderna. **Educação, Sociedade & Culturas**, nº 23, p.21-42, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo, conhecimento e democracia: as lições e as dúvidas de duas décadas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 73, p. 59-66, maio 1990.

STRECK, Danilo. Qual o conhecimento que importa? Desafios para o currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 3, p. 8-24, set/dez 2012.

ZANARDI, Teodoro Adriano Costa. Educação integral, tempo integral e Paulo Freire: os desafios da articulação conhecimento-tempo-território. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 82-107, 2016.

Notas

ⁱ É bem verdade que já nos primórdios da teoria curricular, com Ralph Tyler, a preocupação com o conhecimento já era evidente, embora sob caráter pretensamente neutro e ausente de problematizações.

ⁱⁱ <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>

ⁱⁱⁱ Dos cinco periódicos, o periódico *e-Curriculum* é vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; o periódico *Teias*, associado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; já o periódico *Currículo sem Fronteiras*, por ser um periódico de pretensão internacional, não se vincula explicitamente a nenhum Programa específico, embora seu conselho editorial seja composto majoritariamente por pesquisadores oriundos de Programas de Pós-graduação situados na região Sul. Também à região Sul está vinculado o periódico *Educação e Realidade*, articulado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A exceção do binômio Sudeste-Sul, portanto, reside na revista *Espaço do Currículo*, ligada a Universidade Federal da Paraíba.

^{iv} Referenciais cujas citações ocorreram menos de dez vezes foram retirados do gráfico.

^v Pudemos perceber, na pesquisa, que há uma relação direta dos autores das produções e seus vínculos institucionais oriundos da instituição à qual a revista é vinculada. Não é diferente com esse periódico, pertencente ao Programa da PUC-SP, que conta com a Cátedra Paulo Freire, sob liderança de Ana Maria Saul e outros pesquisadores que também produzem trabalhos voltados ao currículo sob influência central da obra

freireana. Defendemos que há uma relação direta entre o vínculo dos autores, as balizas teóricas que utilizam e a publicação nos respectivos periódicos.

^{vi} Dentro desta categoria temática, Paulo Freire esteve presente em várias outras produções. Contudo, escolhemos estas para servir de baliza para o artigo pelos seguintes motivos: são as produções que apresentam mais densamente a teoria freireana e pelo limite de páginas expresso na revista, precisávamos estabelecer recortes.

^{vii} Ver detalhes em Ribeiro (2017)